

# Sumário

Número de notícias: 19 | Número de veículos: 10

CORREIO BRAZILIENSE - DF - ECONOMIA  
RECEITA FEDERAL DO BRASIL

Guedes admite que inflação vai subir ..... 3

ESTADO DE MINAS - BELO HORIZONTE - MG - ECONOMIA  
RECEITA FEDERAL DO BRASIL

Guedes culpa comida e energia pela inflação ..... 4

FOLHA DE S. PAULO - SP - MERCADO  
SEGURIDADE SOCIAL

Trabalho por conta própria é saída para 25 mi ..... 6

CORREIO BRAZILIENSE - ON LINE - NOTÍCIAS  
REFORMA TRIBUTÁRIA

Artigo: Brasil, o país do futebol, do samba e da insegurança jurídica ..... 9

O ESTADO DE S. PAULO - ECONOMIA E NEGÓCIOS  
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Os saques das cadernetas de poupança (Editorial) ..... 11

O GLOBO - RJ - RIO  
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Jogos de azar (Leitores) ..... 12

CORREIO BRAZILIENSE - DF - ECONOMIA  
ECONOMIA

Pressões cada vez maiores ..... 13

CORREIO BRAZILIENSE - DF - ECONOMIA  
ECONOMIA

O custo da carestia ..... 14

CORREIO BRAZILIENSE - DF - NEGÓCIOS  
ECONOMIA

FMI: país vai crescer 1,5% em 2022 ..... 17

O ESTADO DE S. PAULO - POLÍTICA  
ECONOMIA

Após CPI, Bolsonaro vira incógnita eleitoral - COLUNA DO ESTADÃO ..... 19

O ESTADO DE S. PAULO - ECONOMIA E NEGÓCIOS  
ECONOMIA

As surpresas do PIB - FÁBIO ALVES ..... 21

O GLOBO - RJ - CAPA  
ECONOMIA

Endividamento das famílias bate recorde e ameaça o crescimento ..... 22

O GLOBO - RJ - ECONOMIA  
ECONOMIA

Endividamento recorde ..... 23

O GLOBO - RJ - ECONOMIA  
ECONOMIA

Fundo Monetário critica "divisão vacinal" global ..... 24

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL  
ECONOMIA

PIB não é problema, mas sim inflação, diz Guedes ..... 25

---

Quarta-Feira, 13 de Outubro de 2021

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL  
ECONOMIA

Commodities aproveitam preço e são 70% da exportação ..... 26

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL  
ECONOMIA

Brasil destoa do resto do mundo e perde fôlego ..... 27

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL  
ECONOMIA

Taxa de participação no emprego pode não voltar ao pré-pandemia ..... 28

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL  
ECONOMIA

Coalizão cobra metas mais ambiciosas para CoP 26 e avanço de mercado de carbono ..... 29

# Guedes admite que inflação vai subir

O ministro da Economia, Paulo Guedes, disse ontem, durante entrevista à TV Bloomberg, nos Estados Unidos, que a **inflação** no Brasil vai subir, mas que haverá crescimento neste ano e em 2022. Um ano antes das eleições presidenciais, o chefe da equipe econômica também afirmou que teme o impacto do risco político nos mercados financeiros.

"Sim, a **inflação** vai subir, mas a política monetária está lá para conter a alta de preços", respondeu Guedes a uma pergunta sobre a pressão inflacionária no país. Segundo o ministro, metade da **inflação** brasileira vem atualmente dos preços de alimentos e da energia. Ele declarou que o Brasil tem uma democracia "vibrante", mas que há muito "barulho político". Ele disse ainda que há no país uma "turma" que perdeu as eleições de 2018, mas que "não aceita o resultado", em uma sugestão de que opositores tentam sabotar o governo.

Durante a entrevista, o ministro criticou as projeções para a economia brasileira, disse que as estimativas se provarão erradas e previu que o Produto Interno Bruto (**PIB**) do país crescerá 5,5% este ano. "Crescimento não será problema. O problema é a **inflação**", declarou.

No Relatório de Mercado Focus mais recente, divulgado na segunda-feira, houve manutenção da mediana das previsões para o Produto Interno Bruto (**PIB**) de 2021, em 5,04%, mesma estimativa de quatro semanas atrás. Já o Fundo Monetário Internacional reduziu um pouco a projeção do crescimento do Brasil para 2021, da estimativa de 5,3% divulgada em julho para 5,2% agora.

De acordo com Guedes, o Brasil terá uma recuperação forte, após os efeitos da pandemia de covid-19, porque o avanço da vacinação permitirá que as pessoas voltem ao trabalho de forma segura. Ele também disse que a estrutura regulatória do país mudou e que, por isso, o Brasil está agora "aberto a negócios".

Guedes está nos EUA para participar de reuniões do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do grupo das 20 maiores economias do mundo (G20), do qual o Brasil faz parte. Mais cedo, o ministro também concedeu uma entrevista à CNN Internacional e falou sobre **inflação**, crescimento, pandemia e vacinação, empresas de offshore e o plano de crescimento verde para o país, que será apresentado na COP26, na Escócia, no mês que vem.

## Pandora Papers

Sobre a investigação Pandora Papers, que apontou Guedes (e também o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto) como proprietário de uma empresa num paraíso fiscal (offshore), o ministro disse que "não fez nada de errado". Ele voltou a dizer que sua offshore é "legal, reportada ao Comitê de Ética da Presidência, declarada na **Receita Federal** e registrada no Banco Central". "Eu saí do comando da empresa semanas antes de assumir o ministério. E além disso, na semana passada, a Suprema Corte brasileira arquivou o caso", afirmou.

# Guedes culpa comida e energia pela inflação



EUROSTO SA/APP - 5/10/21

“

Sim, a inflação vai subir, mas a política monetária está lá para conter a alta de preços

”

■ Paulo Guedes, ministro da Economia

O ministro da Economia, Paulo Guedes, disse ontem, durante entrevista à TV Bloomberg, nos Estados Unidos, que a **inflação** no Brasil ainda vai subir, mas que haverá crescimento neste ano e em 2022. Um ano antes das eleições presidenciais, o chefe da equipe econômica também afirmou que teme o impacto do risco político nos mercados financeiros. "Sim, a **inflação** vai subir, mas a política monetária está lá para conter a alta de preços", respondeu Guedes a uma pergunta sobre a pressão inflacionária no país. À CNN, o ministro afirmou que as altas são generalizadas em todo o mundo e, no caso do Brasil, metade da **inflação** brasileira vem atualmente dos preços de alimentos e da energia.

Guedes está nos Estados Unidos para participar do 44º encontro do Comitê Monetário e Financeiro Internacional do Fundo Monetário Internacional (FMI) e de integrantes do grupo das 20 maiores economias do mundo (G-20), do qual o Brasil faz parte. À TV Bloomberg, ele declarou que o Brasil tem uma democracia "vibrante", mas que há muito "barulho político". Disse que há no país uma "turma" que perdeu as eleições de 2018, mas "não aceita o resultado", em uma sugestão de que opositores tentam sabotar o governo.

O ministro criticou as projeções para a economia brasileira, disse que as estimativas se provarão erradas e previu que o Produto Interno Bruto (**PIB**) do país crescerá 5,5% este ano.

"Crescimento não será problema. O problema é a

**inflação**", declarou. No Relatório de Mercado Focus mais recente, divulgado na segunda-feira, houve manutenção da mediana das previsões para o **PIB** de 2021, em 5,04%, mesma estimativa de quatro semanas atrás. Já o Fundo Monetário Internacional reduziu um pouco a projeção do crescimento do Brasil para 2021, da estimativa de 5,3% divulgada em julho para 5,2% agora. Para 2022, a revisão do FMI para baixo foi maior, pois passou da estimativa de crescimento do país de 1,9% para 1,5%. Para 2026, o fundo prevê uma alta de 2,1% do Produto Interno Bruto (**PIB**).

De acordo com Guedes, o Brasil terá uma recuperação forte, após os efeitos da pandemia de COVID-19, porque o avanço da vacinação permitirá que as pessoas voltem ao trabalho de forma segura. Ele também disse que a estrutura regulatória do país mudou e que, por isso, o Brasil está agora "aberto a negócios".

À CNN, o ministro disse ainda que é por causa da resiliência dos preços em segmentos fundamentais para a população que o governo decidiu manter benefícios concedidos durante a pandemia de coronavírus. "Por isso, nossa proteção (social) ainda está lá. Vamos manter essa proteção. Vamos aumentar a transferência direta de renda para população pobre para cobrir os preços dos alimentos e da energia", afirmou.

Em setembro, o IPCA, que é o índice de **inflação** oficial do país, voltou a surpreender ao mostrar um aumento de 1,16%. Com esse dado, o acumulado de 12 meses superou os dois dígitos e está em 10,25%. Com isso, o índice está muito acima da meta perseguida pelo Banco Central, de 3,75% este ano, e também é superior ao intervalo de tolerância que a autoridade monetária pode usar para acomodar choques inesperados, de 5,25%. O Banco Central do Brasil iniciou escalada de alta dos juros de forma antecipada em relação ao restante do mundo para tentar interromper a elevação dos preços.

**PACOTE VERDE** O ministro também falou sobre o pacote de crescimento verde, que deve ser lançado durante a COP-26, em Glasgow (Escócia), no mês que vem. Ele mantém a projeção ambiciosa de ferramentas no valor de US\$ 2,5 bilhões e lembrou, mais uma vez, que já há cerca de US\$ 100 bilhões contratados em infraestrutura.

Ao ser confrontado sobre as cerca de 600 mil mortes

causadas pela pandemia no país, Guedes afirmou que o Brasil gastou "mais que o dobro do que a média dos países emergentes e 10% mais do que os países ricos" para salvar vidas. Ainda sobre o tema, ele atribuiu a queda de 4,1% do Produto Interno Bruto (**PIB**) no ano passado ao distanciamento social, e disse que a medida também teve consequências negativas para o desemprego do país.

"PANDORA PAPERS" Sobre a investigação "Pandora Papers", que apontou Guedes (e também Campos Neto) como proprietário de uma empresa num paraíso fiscal (offshore), o ministro disse que "não fez nada de errado". Ele voltou a dizer que sua offshore é "legal, reportada ao Comitê de Ética da Presidência, declarada na **Receita Federal** e registrada no Banco Central". "Eu saí do comando da empresa semanas antes de assumir o ministério. E além disso, na semana passada, a Suprema Corte brasileira arquivou o caso."

#### VACINA NO DISCURSO

Uma das pedras no sapato da economia atualmente, a **inflação** será um dos principais temas que o ministro da Economia, Paulo Guedes, abordará amanhã durante o 44º encontro do Comitê Monetário e Financeiro Internacional do Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo partes do discurso que se tornaram públicas ontem, ele também falará sobre a vacinação, apontando seu progresso contínuo como o fator mais importante por trás de uma forte e duradoura recuperação econômica. O ministro dirá que as novas restrições relacionadas à pandemia combinadas com uma forte recuperação na demanda levaram a gargalos de abastecimento global, reduzindo o ritmo de recuperação (principalmente para emergentes) e aumentando a pressão sobre a **inflação**. Além do Brasil, Guedes também falará em nome de Cabo Verde, República Dominicana, Equador, Guiana, Haiti, Nicarágua, Panamá, Suriname, República Democrática de Timor-Leste e Trinidad e Tobago.

**Site:** <https://digital.em.com.br/estadodeminas>

# Trabalho por conta própria é saída para 25 mi



**Fernanda Brigatti**

Se pudesse escolher, Paloma Alencar Vieira, 25 anos, estaria trabalhando exclusivamente com a elaboração de projetos de construção. Em alguns meses, terá concluído a graduação em engenharia civil e quer atuar na área.

Enquanto o plano não avança, ela trabalha por conta própria, prestando serviços a escritórios e vendendo os doces que produz na cozinha de sua casa na zona leste da capital paulista.

Paloma é MEI, sigla para microempreendedor individual, um tipo de enquadramento que dá ao pequeno prestador de serviços condições de emitir nota fiscal e ter acesso ao RGPS (Regime Geral de **Previdência Social**) a partir de um recolhimento relativamente baixo, equivalente a 5% do salário mínimo.

Neste ano, esse valor está em R\$ 55. Prestadores de serviços pagam também R\$ 5, referente ao ISS (imposto municipal sobre serviços), e quem está no comércio ou indústria, recolhe mais R\$ 1 de ICMS (imposto estadual sobre a circulação de mercadorias e serviços).

A estudante de engenharia é também uma trabalhadora por conta própria, categoria de ocupação

que, segundo o IBGE, atingiu níveis recordes neste ano. No segundo trimestre, 24,8 milhões de pessoas declararam estar trabalhando nesse modelo, seja formal, quando há o CNPJ, ou informal.

É um recorde também em relação à população ocupada. Dos 87,7 milhões de pessoas com algum tipo de trabalho, formal ou informal, 28,2% trabalhavam por conta própria. Em pelo menos 12 estados, o percentual de trabalhadores por conta própria era superior à média nacional, passando de 30%.

O maior deles está no Amapá, onde quase quatro em cada dez trabalhadores (37,69%) era "patrão de si mesmo" ao fim do segundo trimestre deste ano.

"Tanto podem ser aqueles que estavam informais e decidiram se formalizar, quanto aquele empreendedor por necessidade", diz a economista Diana Gonzaga, pesquisadora da UFBA (Universidade Federal da Bahia).

É considerado um "empreendedor por necessidade" aquele trabalhador que se vê sem opção, seja por não encontrar uma ocupação formal, ou porque começar um comércio ou oferecer um tipo de serviço vira uma solução mais rápida para a manutenção da renda.

"Você não encontra um emprego no seu segmento e cria seu próprio emprego", diz Diana.

Para Paloma, empreender e se inscrever como MEI foi uma "decisão do momento". Antes da pandemia, trabalhava como auxiliar administrativa em uma rede varejista e fazia brindes personalizados para complementar a renda. Quando foi demitida do trabalho com carteira, meses antes da eclosão do vírus, tentou manter uma loja online ao mesmo tempo em que oferecia seus serviços técnicos na área de projetos.

"Era o que eu conseguia fazer", afirma. "Hoje estou cada vez mais focando em engenharia, pegando projetos em AutoCAD [software para projetos de engenharia], e estou procurando trabalho na área, em um escritório".

Uma das áreas em que Paloma atua prestando serviços, a de alimentação, é tradicionalmente aquela



que concentra o trabalho por conta própria.

Marmitas, bolos, doces e pratos congelados são a saída para muita gente quando as contas apertam. No primeiro semestre deste ano, porém, o segmento ganhou ainda mais espaço entre os trabalhadores que abriram MEI, segundo análise da Serasa Experian.

De 8,2% do total de microempreendedores em 2019, a alimentação virou fonte de renda de quase 10% dos que se formalizaram em 2020, e respondeu por 9,2% no primeiro semestre de 2021. "O setor foi o mais procurado nos últimos cinco anos, mas a pandemia turbinou isso", diz Luiz Rubi, economista da Serasa.

Levantamento do birô de crédito mostra um salto na formalização de MEIs no primeiro semestre deste ano. De janeiro a junho, 1,6 milhão de trabalhadores fizeram seus cadastros como MEI, uma expansão de 31,2% em comparação com igual período do ano anterior -maior variação observada desde 2012.

O crescimento desse tipo de formalização está ligado às sucessivas crises do emprego formal, ainda que uma parte desses estejam realizando um sonho de autonomia ao ter o próprio negócio.

O economista da Serasa lembra que a expansão no número de microempreendedores vem desde a crise econômica de 2016. "Na sequência, tivemos três anos de baixíssimo crescimento. Abrir um negócio próprio vem sendo uma válvula de escape para milhões de brasileiros", diz Rubi.

Quando a pandemia começou, em março de 2020, o país dava os primeiros sinais de recuperação do ciclo anterior de crescimento baixo e cortes de vagas, tornando ainda mais frágil a geração de empregos formais.

Na avaliação de Diana Gonzaga, da UFBA, o pagamento do auxílio emergencial teve efeito também sobre os trabalhadores por conta própria.

Nas primeiras etapas do programa, quando foi de R\$ 600, e depois, de R\$ 300, o benefício do governo federal assegurou renda aos que estavam sem emprego ou que tiveram suas ocupações informais prejudicadas pela pandemia, devido ao fechamento de empresas e à redução na circulação de pessoas.

Neste ano, o auxílio voltou a ser pago em abril, com nova redução. Ele agora fica entre R\$ 150 e R\$ 375.

Para a economista, o corte faz com que o pagamento seja insuficiente para garantir renda e consumo, forçando um retorno à força de trabalho, e muitos encontram nas atividades por conta própria uma saída

mais rápida do que a dinâmica de recuperação da economia.

Há ainda os que se formalizam como MEI para garantir a contratação por outras empresas, em um tipo relação que pode ser considerada tentativa de fraude da legislação trabalhista, pois simula uma prestação de serviços de Pessoa Jurídica, mas segue as características de vínculo de emprego com carteira.

"Muito disso tem a ver com a própria crise econômica. Contratar é muito caro e as empresas acabam usando da pejetização", diz Diana.

Enquanto a economia não der sinais fortes de recuperação, os especialistas não descartam que o trabalho por conta própria continue crescendo.

A divulgação mensal de julho da Pnad Contínua, a pesquisa de emprego do IBGE, já apontava para 25,1 milhões de trabalhadores com ocupações autônomas. O crescimento, em relação ao período de maio a julho de 2020, foi de 17,6%.

"Se a gente não engatar a economia, com a geração de emprego formal, esse empreendedorismo de necessidade vai continuar ganhando a cena", diz Luiz Rubi, da Serasa.

A pandemia não apenas potencializou o número de inscritos como MEI. Também alterou os setores com maior ou menor procura. O segundo lugar no ranking de atividades, segundo a Serasa, ficou com os serviços de reparos e manutenção de instalações elétricas.

Em 2019, o segmento ocupava a terceira posição na abertura de empresas. Para Rubi, o aumento tem relação com a maior procura por consertos e pequenas alterações. Com mais tempo em casa, as pessoas buscaram melhorar as instalações de suas casas e há quem precisasse adaptar escritórios e espaços de estudo para seguir com as atividades à distância.

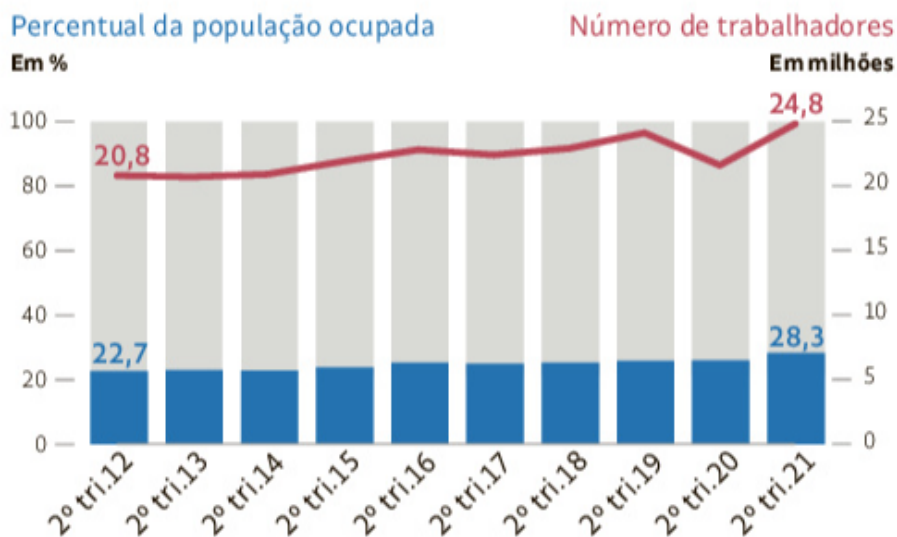
Outro segmento cuja movimentação no ranking está relacionado à dinâmica da pandemia foi o comércio de confecções. Em 2019, essa atividade era a quarta na lista elaborada pelo birô. No ano passado, foi para segundo lugar e, em 2021, no primeiro semestre, está em terceiro. Para Luiz Rubi, essa movimentação está ligada à demanda por máscaras de proteção.

**Site:**

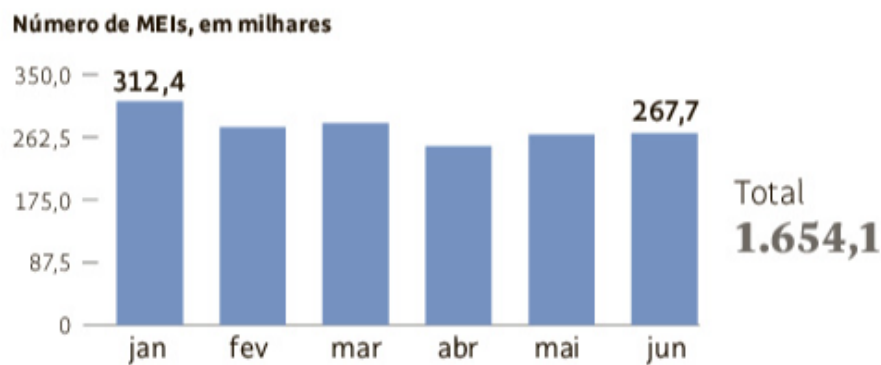
<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49697>

## Trabalho por conta própria avança como última opção

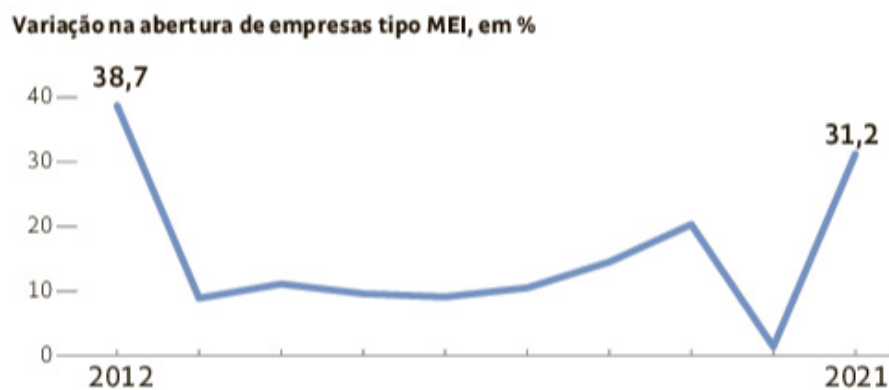
Quase 25 milhões estão trabalhando por conta própria



Um trabalhador virou MEI a cada dois segundos no primeiro semestre de 2020



Comparação com o primeiro semestre desde 2012



Fonte: Serasa e IBGE



# Artigo: Brasil, o país do futebol, do samba e da insegurança jurídica

**Correio Braziliense**

**JERÔNIMO GOERGEN\***

Estamos numa corrida contra o tempo para tentar prorrogar a desoneração da folha de pagamentos, benefício tributário que vigora até 31 de dezembro deste ano. Temos dois meses e meio para aprovar na Câmara e no Senado o Projeto de Lei nº 2541/2021, de autoria do deputado Efraim Moraes (DEM-PB), que estende os efeitos da atual legislação até o fim de 2026, permitindo aos 17 setores que mais empregam optar pelo pagamento de alíquotas que variam entre 1% e 4,5% sobre a receita bruta em vez de 20% sobre a folha de salários.

Isso faz muita diferença para o empregador, principalmente neste momento de recuperação, após uma severa crise econômica provocada pela pandemia da covid-19. Para o trabalhador, a prorrogação da desoneração é garantia de emprego. Sem ela, teremos demissão em massa no país.

Não bastassem os entraves legislativos para fazer a proposta avançar no Congresso, eis que agora o Supremo Tribunal Federal (STF) entra em cena, com o julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 6632, protocolada pelo governo federal no fim do ano passado. Naquela oportunidade, o Congresso Nacional prorrogou por mais um ano o benefício, por meio do artigo 33 da Lei nº 14.020/2020. O texto foi vetado pelo presidente Jair Bolsonaro e os deputados e senadores derrubaram esse veto. E a questão foi judicializada. O STF demorou mais de 10 meses para se debruçar sobre o tema e dia 15 de outubro começa a julgá-lo no plenário virtual.

A União alega uma perda de receita de R\$ 8,3 bilhões e garante que não há previsão orçamentária, ferindo a Lei de Responsabilidade Fiscal. Aí entra um novo elemento que está deixando os setores produtivos de cabelo em pé. Caso o STF acolha os argumentos da Advocacia-Geral da União (AGU), as empresas poderão ter que pagar a diferença que deixou de ser recolhida pelo mecanismo que hoje permite escolher o tipo de enquadramento. Ou seja, a criação de um passivo bilionário impagável para os segmentos que mais geram emprego e renda no Brasil, entre eles comunicação, tecnologia da informação, transporte, construção civil e têxtil.

No Legislativo, depois de aprovarmos a prorrogação da desoneração na Comissão de Finanças e Tributação (CFT), em que fui o relator da matéria, entramos num compasso de espera bastante angustiante. Por ter caráter conclusivo, o projeto ainda precisa ser aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) para seguir ao Senado. Mas a CCJ deve esperar pela conclusão do julgamento da ADI no STF para fazer algum novo movimento político.

Desde o final de agosto, quando realizamos uma ampla audiência pública na CFT, viemos alertando para as consequências desastrosas caso o benefício seja extinto. E justamente agora, quando o Caged nos dá sinais de uma boa recuperação dos postos de trabalho, o governo federal poderá colocar tudo a perder caso opte por não enxergar a questão como algo estratégico a ser preservado.

O presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (Abit), Fernando Pimentel, foi muito claro ao afirmar que essa curva de recuperação dará lugar a um processo de demissão em massa, com um prejuízo imediato de 30 mil postos formais de trabalho, que serão extintos no dia seguinte ao fim da desoneração. Nas contas do presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), José Velloso, cerca de 60 mil empresas se valem do mecanismo neste segmento específico, favorecendo a manutenção de aproximadamente três milhões de empregos. Para Velloso, a matemática que calcula os impactos do fim da desoneração é perversa: corremos o risco de adicionar 500 mil brasileiros ao contingente de 14 milhões de desempregados.

A desoneração representa um grande fôlego financeiro para essas empresas, uma vez que o benefício corrige uma distorção que faz do Brasil o campeão mundial na tributação sobre a folha de salários, com uma carga de 27,8%. Ou seja, mais de cinco vezes a tributação praticada por Estados Unidos (5,5%) e Chile (5%). Para um país que precisa gerar milhares de empregos, não faz sentido aplicar uma carga leonina como essa.

O ideal era que estivéssemos debruçados num amplo debate nacional em busca de uma solução definitiva para esse abuso, que envolvesse todos os setores produtivos. Mais uma vez fracassamos como Nação

no debate de uma **Reforma Tributária** que promovesse justiça fiscal. Em vez disso, temos em nossas mãos mais um contencioso judicial de consequências imprevisíveis. A insegurança jurídica reina entre nós, assim como o samba e o futebol.

\*Deputado federal (PP-RS) e relator do PL 2541/2021, na Comissão de Finanças e Tributação (CFT)

**Site:**

***<http://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/10/4955037-artigo-brasil-o-pais-do-futebol-do-samba-e-da-inseguranca-juridica.html>***

# Os saques das cadernetas de poupança (Editorial)

A precaução está sendo superada pela necessidade.

Famílias que vinham depositando parte de suas rendas na poupança passaram a retirar o dinheiro.

Em setembro, os saques superaram os depósitos em R\$ 7,719 bilhões, mostrou relatório do Banco Central (BC). Foi o maior saque líquido para o mês de setembro em toda a série do BC, iniciada em 1995. É o segundo mês consecutivo em que o saldo total da poupança diminuiu.

No mês passado, os depósitos totalizaram R\$ 282,876 bilhões e os saques, R\$ 290,596 bilhões. Os rendimentos pagos no mês somaram R\$ 3,084 bilhões, de que resultou a redução de R\$ 4,636 bilhões no saldo total no sistema, para R\$ 1,031 trilhão.

Setembro foi o quinto mês do ano a registrar redução no saldo da poupança.

As retiradas superaram os depósitos também em janeiro, fevereiro, março e agosto. Assim, no acumulado do ano, o resultado é um saque de R\$ 23,349 bilhões. É uma evolução bem diferente da observada em 2020.

No ano duramente marcado pela pandemia, observou-se o que o BC denominou "poupança precaucional".

Temerosas com as consequências da pandemia e das medidas restritivas que ela impôs, as pessoas procuraram se prevenir.

O pagamento do auxílio emergencial para a população de menor renda durante boa parte do ano passado permitiu que muitas famílias poupassem.

Era uma forma de se precaver contra dificuldades futuras, em razão da notória deterioração da atividade econômica e do mercado de trabalho.

Assim, no ano passado, os saldos nas cadernetas de poupança cresceram dez meses seguidos, de março - no início da pandemia - até dezembro.

No início de 2021, já pressionadas pelas despesas adicionais dessa época do ano (**impostos** e despesas escolares), muitas famílias ficaram sem a renda

adicional proporcionada pelo auxílio emergencial.

A retomada do pagamento do benefício, em abril, embora em valor menor, favoreceu os depósitos da poupança, que voltaram a crescer.

Agora, novos problemas surgem para as famílias de menor renda, as que, historicamente, mais utilizam a poupança como aplicação da renda que deixam de consumir. Para muitas delas, a parcela que conseguiam poupar pode ter se esgotado e, agora, precisam do que pouparam nos meses anteriores para pagar despesas correntes.

**Site:** <https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo>

# Jogos de azar (Leitores)

Veja a matéria no site de origem:

<https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>

**Site:** <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>

## Pressões cada vez maiores

As pressões inflacionárias não devem ceder tão fácil, de acordo com analistas que alertam para um problema ainda maior para o governo: o fim da margem extra do teto de gastos em 2022, que vem encolhendo mês a mês. Aliás, isso é o que mais deve incomodar o ministro da Economia, Paulo Guedes, que passou a reconhecer que a inflação é mais preocupante do que o baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

"O problema não é o crescimento, mas é a inflação", disse Guedes, ontem, em entrevista à Bloomberg nos Estados Unidos. O ministro está em Washington para participar do encontro anual de outono no Hemisfério Norte do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. O retorno do chefe da pasta de Economia está previsto para amanhã. Ele voltou a minimizar as projeções mais pessimistas para o PIB brasileiro dizendo que as previsões "têm sido constantemente erradas".

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de dezembro deverá ficar acima dos 8,25% contabilizados em 12 meses até junho e que corrige a emenda constitucional que limita o aumento dos gastos à inflação. Vale lembrar a alta acumulada no IPCA de setembro, que registrou elevação de 10,25%. É a primeira vez que o indicador registra alta de dois dígitos desde fevereiro de 2016, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Portanto, se o indicador continuar elevado, o governo não terá folga no teto de gastos como anteriormente previsto.

Ao contrário das estimativas no início do ano, a inflação não está cedendo no segundo semestre e não deverá ficar abaixo dos patamares da primeira metade do ano, o que é preocupante porque há vários fatores que devem contribuir para o aumento do custo de vida. Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos, lembrou que, além da dispersão generalizada, o dissídio dos trabalhadores a ser concedido neste mês, em torno de 9%, deverá ajudar a pressionar a inflação. E destacou ainda que a retomada do setor de serviços, que começou também a reajustar os preços, como restaurantes e passagens aéreas, também contribui para a inflação mais alta nos próximos meses e no ano que vem.

Não à toa, as estimativas de crescimento do PIB de 2022 estão em queda livre enquanto as projeções de inflação e da taxa básica de juros (Selic) não param de subir. Diante desse cenário e do aumento das

incertezas em relação à pandemia, o FMI, por exemplo, passou a prever 1,5% de crescimento no PIB de 2022, mas há projeções ainda piores, como a da MB Associados, que já prevê alta de 0,4%.

"Observamos pressões inflacionárias muito fortes, tendo o agravante de combustíveis e energia estarem pressionados. Quase tudo que utilizamos no dia a dia leva esses itens indiretamente. O ano de 2022 vai ser desafiador. Cenário externo com principais bancos centrais subindo juros no segundo semestre", alertou o estrategista da RB Investimentos. "Ainda tem todo esse problema das indústrias desabastecidas no mundo. Vamos ter um 2022 com inflação alta no mundo e o Brasil não vai escapar dessa pressão", acrescentou Cruz. (RH)

# O custo da carestia

ROSANA HESSEL

O forte aumento nos preços tem feito um estrago enorme no orçamento doméstico da maioria das famílias brasileiras ao longo deste ano e, de quebra, tem ajudado a comprometer o crescimento da economia em 2022. O Banco Central (BC) vem elevando os juros para patamares restritivos à atividade econômica, o que deverá frear o Produto Interno Bruto (**PIB**) em pleno ano eleitoral, para o desespero do governo Jair Bolsonaro. Analistas alertam que apenas elevar a taxa básica da economia (Selic) não será suficiente para conter as pressões inflacionárias, que estão se mostrando cada vez mais persistentes até o próximo ano.

Segundo os especialistas, além de comprovar que é uma autarquia independente do governo, o BC precisará diversificar o arsenal de instrumentos para manter o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) abaixo do teto da meta no ano que vem e intervir mais no câmbio. Isso porque o dólar tem voltado a ficar em torno de R\$ 5,50 e não deve cair facilmente devido aos riscos políticos e fiscais elevados, ajudando a manter o custo de vida elevado e na casa de dois dígitos.

O teto da meta de **inflação** deste ano é de 5,25% e, no ano que vem, cai para 5% - menos da metade da alta acumulada em 12 meses no IPCA de setembro, de 10,25%. Na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), o BC elevou a taxa Selic em um ponto percentual, para 6,25% ao ano, e sinalizou o mesmo ritmo de alta nas duas próximas reuniões do ano - de outubro e de dezembro -, o que fará com que os juros terminem o ano em 8,25%. Contudo, com a Selic nesse patamar, será difícil para o BC conseguir convergir o IPCA abaixo de 5% no ano que vem, pois a mediana das projeções atuais já estão em 4,7% e devem continuar subindo, de acordo com especialistas.

"A estratégia de adiar um ajuste mais forte é muito arriscada e tem um risco elevado que é manter a **inflação** alta em 2022 por causa da inércia", alertou o economista-chefe da JF Trust Gestora de Recursos, Eduardo Velho, que prevê alta de 9,26% no IPCA deste ano. Apesar de prever a Selic em 8,25% no fim do ano, Velho considera que, atualmente, os juros básicos em 9,5% ao ano podem ser o piso para a Selic se o BC quiser evitar um novo estouro da meta de **inflação** em 2022. Segundo ele, o recente reajuste na gasolina anunciado pela Petrobras só piora o quadro

inflacionário e "deverá contribuir para um cenário em dezembro com o IPCA de dois dígitos". Pelas estimativas dele, o BC poderá elevar a Selic para 10% em abril próximo e, no fim de 2022, os juros básicos deverão encerrar o ano em 8,5%.

Especialistas lembram que o Relatório Trimestral de **Inflação** (RTI), divulgado na semana passada pelo Banco Central, atribui que boa parte da **inflação** foi decorrente da alta dos preços das commodities e dos combustíveis, mas eles destacam que há muitas incertezas no cenário econômico e político que contribuem para os preços continuarem elevados.

"Uma leitura apressada poderia indicar que bastaria voltar os preços das commodities para o BC não precisar se preocupar muito e não subir a taxa de juros que deveria. Mas, como tem sido recorrente desde o início do ano, as projeções de **inflação** têm sido revisadas para cima", alertou Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. "No nosso caso, mantemos o IPCA esperado este ano em 8,6% e, no ano que vem, em 4,7%. Mas o risco que começa a aparecer é de o BC perder a capacidade de manter as expectativas de **inflação** ancoradas ao redor da meta para 2022. O mercado tem revisado sistematicamente as projeções para cima e fica a dúvida do que poderá ser a **inflação** ano que vem. Alguns riscos estão se acumulando."

De acordo com a professora do Insper Juliana Inhasz, o Banco Central já percebeu que a **inflação** de dois dígitos é uma realidade e que apenas elevar os juros não vai ter muito efeito, devendo intervir no câmbio. "Quando olhamos para o câmbio, ele já está contaminado pelo risco político e o risco fiscal. E, como há muitas incertezas ainda no cenário externo devido à pandemia da covid-19, pode ser que o BC, de alguma forma, precisará pensar em alguma intervenção mais direta, como soltar um pouco das reservas internacionais", apostou. Na sexta-feira, esse estoque estava em US\$ 368,9 bilhões. "A intervenção via juros é muito lenta e tem sido corroída por outros efeitos devido às incertezas e aos riscos fiscal e político."

Dólar

Os analistas lembram que o dólar continuará valorizado no ano que vem, devido às incertezas em relação às eleições e também porque o Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos) deu sinais claros de que mudará a política monetária,



reduzindo a liquidez no mercado e, consequentemente, reduzindo a oferta de dólares. Isso ajuda a elevar o preço da divisa dos EUA, que injetam US\$ 120 bilhões por mês desde o ano passado. "O BC precisará agir e aliar outras políticas, senão apenas subir os juros não vai ter efeito", destacou Juliana Inhasz.

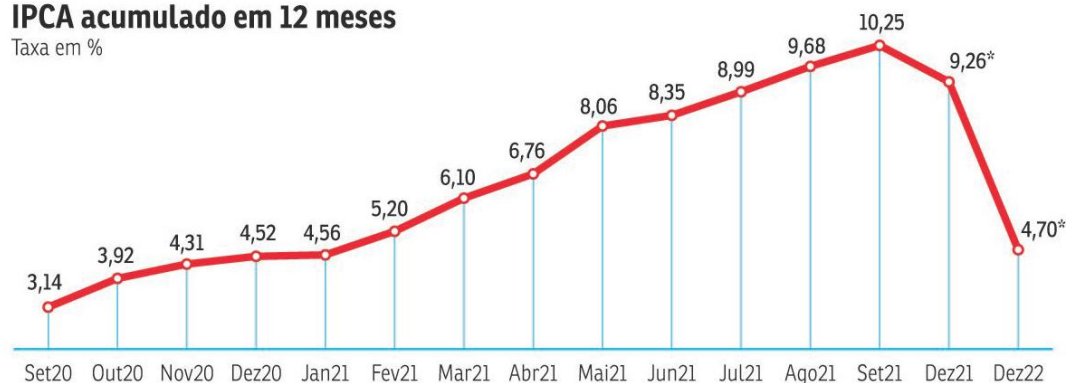
De acordo com Eduardo Velho, o BC deverá intervir no câmbio se o dólar voltar a ficar em patamares próximos a R\$ 6. "Caso o dólar suba de forma mais rápida para aquele nível de R\$ 5,7 ou de R\$ 5,8, seria factível alguma intervenção do Bacen mais forte com leilão de linha de venda. Mas o BC não tem meta e não controla o preço do câmbio. A intervenção seria fundamentada por uma variação acentuada do dólar para cima em um curto espaço de tempo sem muita consistência de tendência", explicou.

## Projeções sobre inflação e juros

Como a inflação não dá trégua, analistas estão preocupados com a persistência da carestia e não descartam o IPCA acima do teto da meta em 2022 se o Banco Central não carregar a mão nos juros

### IPCA acumulado em 12 meses

Taxa em %



\*previsão da gestora JF Trust

**5,25%  
ao ano**

Teto da meta de inflação de 2021

**5,00%  
ao ano**

Teto da meta de inflação de 2022

**0,4%**

previsão da MB Associados para a taxa de crescimento do PIB do Brasil em 2022, considerando IPCA de 8,6%, neste ano, e de 4,7%, no ano que vem

### Juros em alta

Devido à inflação cada vez mais alta, o Banco Central será obrigado a seguir elevando a taxa básica da economia (Selic), que deverá continuar subindo, de acordo com analistas

### Mês-Copom/Taxa Selic

Em% ao ano



\*previsões da mediana do mercado no boletim Focus, do Banco Central  
\*\*previsões da gestora JF Trust

Fontes: IBGE, Banco Central, MB Associados e JF Trust



# FMI: país vai crescer 1,5% em 2022

**ROSANA HESSEL**

O Fundo Monetário Internacional (FMI) passou a prever crescimento de 1,5% no Produto Interno Bruto (**PIB**) de 2022, reduzindo em 0,4 ponto percentual a projeção anterior, de 1,9%, conforme os dados divulgados ontem pelo organismo multilateral no relatório Panorama Econômico Global (WEO, na sigla em inglês). Conforme o documento, o Brasil continua com taxas de crescimento inferiores à média global e à de países emergentes, mostrando que ainda não tem fôlego para se recuperar da recessão provocada pela pandemia da covid-19 no ano passado.

As novas previsões do FMI para o **PIB** brasileiro deste ano estão mais otimistas do que a mediana das estimativas do mercado contabilizada pelo Banco Central no boletim Focus nesta semana, de 5,04%. O órgão costuma ter uma defasagem maior nas projeções. Para o **PIB** de 2022, a instituição baseada em Washington e que realiza o encontro semestral de ministros e presidentes dos bancos centrais globais nesta semana está mais pessimista do que a mediana do Focus, de 1,54%.

O FMI reduziu em 0,1 ponto percentual a previsão de expansão do **PIB** do Brasil neste ano, de 5,3% para 5,2%, abaixo da nova estimativa para o crescimento global, de 5,9%, dado 0,1 ponto percentual abaixo do previsto em abril (6%). A projeção da taxa de expansão da economia mundial em 2022 foi mantida em 4,9%.

"Pelas projeções do FMI, podemos ver claramente que o Brasil continua crescendo menos do que a média global e do que a maioria dos países", alertou a economista Juliana Inhasz, professora do Insper. Para ela, os dados confirmam que a economia não está decolando como o ministro da Economia, Paulo Guedes, costuma afirmar.

"O país não está decolando, de fato. O **PIB** estacionou e vamos continuar estacionados por um bom tempo", lamentou Juliana. "Os dados do FMI estão mais realistas e mostram que o impacto da covid-19 não mudou os aspectos da economia brasileira continua muito frágil e cresce muito pouco e, por isso, precisa de muitos ajustes", acrescentou a acadêmica, que acredita que o Fundo ainda poderá fazer novas revisões para baixo do **PIB** de 2022.

Pelas novas estimativas do FMI, por exemplo, os Estados Unidos devem crescer 6,0% neste ano,

abaixo dos 7,0% previstos em julho. Em 2022, a economia norte-americana deverá ter uma expansão de 5,2%, taxa melhor do que os 4,9% 4,9% estimados no relatório de julho. As previsões de alta do **PIB** da China passaram de 8,1% para 8%, neste ano, e de 5,7% para 5,6%, no ano que vem.

## Preocupação

No relatório, o Fundo destacou preocupação com as incertezas sobre a pandemia de covid-19 após o rápido avanço da variante Delta e da ameaça de novas variantes como justificativa para as novas projeções globais. O FMI também destacou problemas no abastecimento das linhas de produção como um dos motivos, também, para a piora na dinâmica das economias desenvolvidas e emergentes.

Gita Gopinath, economista-chefe do FMI, destacou no documento que um dos desafios dos bancos centrais será conduzir a política monetária na "linha tênue" entre combater a **inflação**, que é um problema global, e apoiar a recuperação econômica.

Em relação à **inflação**, o FMI está mais otimista do que o mercado, pois estima alta de 7,7% no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deste ano. Contudo, está mais pessimista em relação ao ano que vem, pois projeta elevação de 5,3%. Enquanto isso, o mercado espera altas de 8,59% e de 4,17% para o IPCA de 2021 e de 2022, respectivamente.

## Três grandes desafios

Em outro relatório, também divulgado ontem, o de Estabilidade Financeira Global, o FMI fez um alerta para três grandes riscos que devem afetar a economia mundial e que precisam ser monitorados

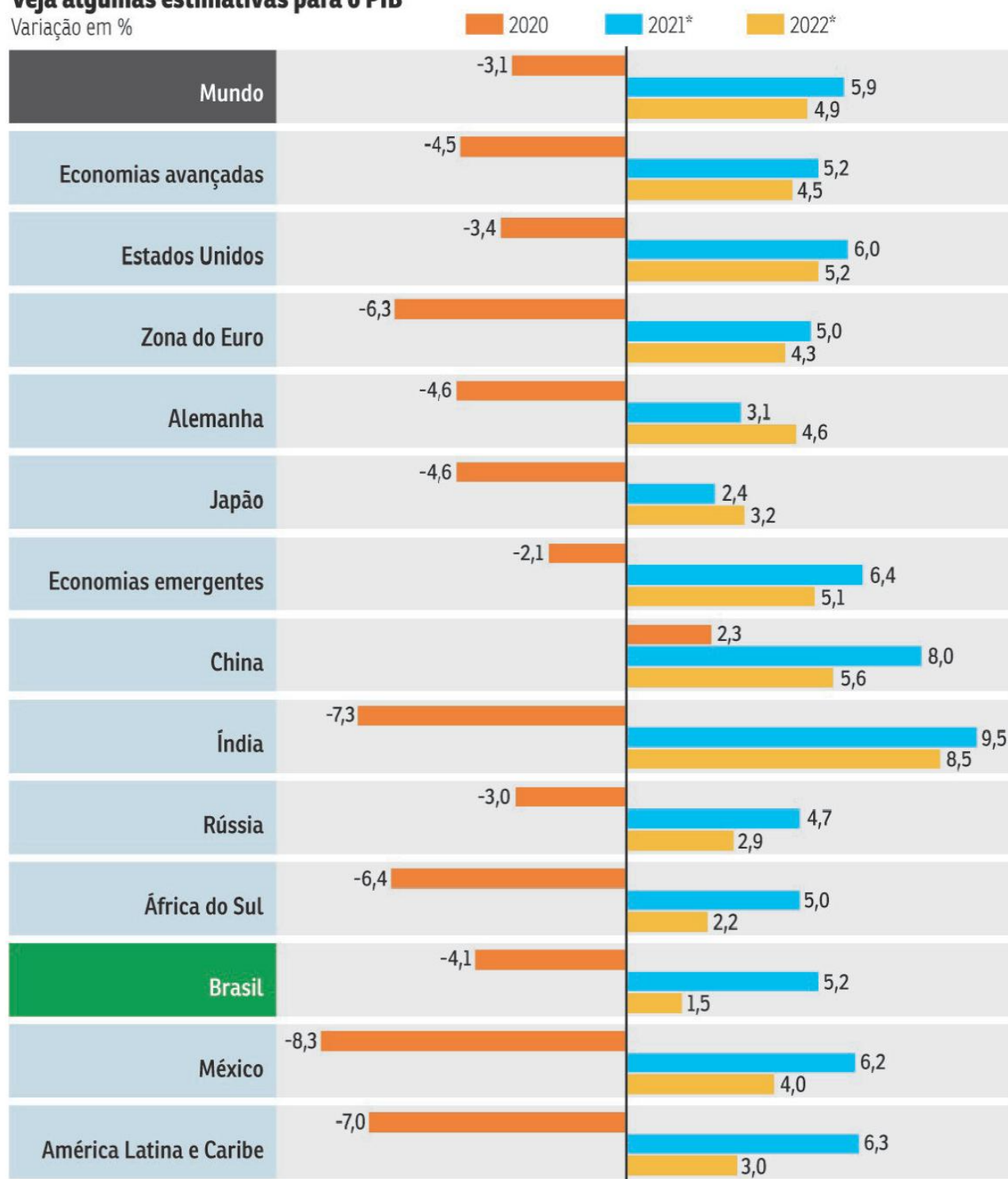
pelos bancos centrais, criptomoedas e clima - chamados pelo órgão de os "3Cs". "A incerteza é especialmente intensa por causa da atmosfera persistente de pandemia onde a sociedade enfrenta os desafios inerentes aos três Cs", escreveu o diretor do departamento de mercados monetários e de capitais do FMI, Tobias Adrian.

## Ritmo fraco

FMI atualiza as previsões da economia global, reduzindo em 0,1 ponto percentual a taxa de crescimento do PIB do Brasil em 2021, para 5,2%; e em 0,4 ponto percentual a de 2022, para 1,5%, ambas abaixo da média global e dos emergentes

### Veja algumas estimativas para o PIB

Variação em %



\*novas projeções do FMI

Fonte: FMI - WEO de outubro de 2021

# Após CPI, Bolsonaro vira incógnita eleitoral

## - COLUNA DO ESTADÃO

ALBERTO BOMBIG, COM MATHEUS LARA

Apesar de até agora não ter apresentado novidade capaz de fazer crepitar o País, a CPI da Covid chega ao desfecho em consonância com o papel assumido no início dos trabalhos: carimbar Jair Bolsonaro como um gestor cruel, ineficaz e omissor, o que dificulta ainda mais a situação eleitoral dele. Faltando quase um ano para o início da campanha e com base nos dados disponíveis, Bolsonaro terminará de atravessar o calvário imposto pela CPI sob dúvidas jamais imaginadas em abril: a) ele disputará a eleição?; b) se disputar, estará no segundo turno?

» Desgaste ampliado.

Em 13 de abril último, quando foi criada a CPI, Jair Bolsonaro era mal avaliado por uma fatia dos brasileiros em torno de 40%. Agora, seis meses depois, mais da metade dos entrevistados considera ruim ou péssima a gestão do presidente.

» ...Cenário... Conforme os manuais clássicos das campanhas políticas, a situação de Bolsonaro é crítica.

» ...Muito ruim.

1) a avaliação do governo e similares está abaixo dos índices que dão alguma chance a ele; 2) a inflação e o desemprego fomentam o "bad feeling factor"; 3) o desempenho do presidente na crise aguda e recente (no caso, a pandemia) foi pífio.

» Inédito. A literatura da política e do marketing eleitoral ainda não conhecem um presidente que tenha sido reeleito com essa conjunção de fatores.

» Guerra...

Há, porém, um fator extra não medido em eleições anteriores: a guerra cultural do presidente (costumes, religião, teorias da conspiração etc), alavancada pelas redes sociais.

» ...De guerrilhas.

Se Bolsonaro conseguir levar a agenda eleitoral para esse campo, como vem fazendo, inclusive com ajuda de parte da esquerda, as variáveis anteriores perdem força e ele volta a ter chances, diz quem conhece do

riscado.

» Máquina do tempo.

No sobe e desce da CPI, é inegável que Renan Calheiros (MDB-AL) conseguiu um "reposicionamento de marca".

O relator tem brincado que voltou aos tempos de quando usava óculos de aro grande e cabelo comprido.

Até para palestra em universidades foi convidado.

» Entre caprichos...

Presidente da Comissão de Meio Ambiente da Câmara, Carla Zambelli (PSL-SP) está pegando pesado: ameaça redistribuir os projetos que tramitam no colegiado se os deputados não entregarem relatórios em prazos determinados por ela.

» ... E chilikies

A medida não é usual nas comissões.

Parlamentares de diversos partidos demonstram incômodo com o modo como a presidente se refere aos seus pares durante as reuniões deliberativas. O clima na comissão, claro, é tenso e muito beligerante.

» CLICK.

Marcelo Ramos, vice da Câmara dos Deputados, aproveitou o feriado para se exercitar treinando, na areia, os fundamentos do futebol.

Mostrou habilidade.

» Revide.

Criticada por ter negado a ocorrência de corrupção sistêmica na Petrobras, Gleisi Hoffmann (PT) diz: "Assim como não provou nenhuma acusação contra Lula, a Lava Jato nunca provou o superfaturamento de contratos na Petrobras.

Tudo que saiu da caneta de Moro é suspeito".

» Para lembrar.

Ao menos três importantes ex-diretores da Petrobras foram condenados por corrupção, além de ex-gerentes. Alguns devolveram o dinheiro desviado da empresa. O termo "corrupção sistêmica" já foi empregado até por Luís Roberto Barroso.

» SINAIS PARTICULARES.

Renan Calheiros, senador

PRONTO, FALEI!

Omar Aziz (PSD-AM), Presidente da CPI da Covid

"Estamos vivendo uma "nova pandemia": da fome, da miséria, e ela mata. Pobreza tem em qualquer lugar, miséria, não."

**Site:** <https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo>



# As surpresas do PIB - FÁBIO ALVES

**FÁBIO ALVES**

Assim como aconteceu com a inflação, que vem superando as projeções de analistas e do Banco Central, há o temor de que os indicadores de atividade econômica engatem tendência semelhante, mas em direção oposta: de surpresas negativas.

O sinal de alerta veio na semana passada, com a divulgação da produção industrial e de vendas do varejo para agosto.

No caso da produção industrial, houve queda de 0,7% ante julho, resultado pior do que apontava o consenso das estimativas de analistas, de recuo de 0,4%. Já as vendas do varejo caíram 3,1% em agosto ante julho, numa queda bem maior até do que a mais pessimista das projeções do mercado.

Agora, todas as atenções estão voltadas para a divulgação dos dados de agosto da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), pelo IBGE, amanhã, e do Índice de Atividade Econômica do BC (IBC-Br) na sexta-feira.

Por enquanto, apesar dos resultados bem mais fracos da produção industrial e de vendas do varejo em agosto, a maior parte dos analistas trabalha com o seguinte cenário para manter as suas projeções de **PIB**: o de mudança de perfil de consumo pela população.

Segundo esse argumento, com o avanço da vacinação e o relaxamento das restrições à mobilidade social, os consumidores passaram a gastar menos com bens - afetando as vendas da indústria e do comércio - e mais com serviços. Ou seja, o que está havendo é o redirecionamento nos gastos dos consumidores, migrando de bens para serviços.

"O que estamos vendo são os diferentes estágios de recuperação da economia, com os serviços, que estavam defasados, começando agora a liderar esse processo de retomada", diz o economista para Brasil do banco inglês Barclays, Roberto Secemski.

Por outro lado, os efeitos da pandemia de covid ainda estão turvando a análise dos indicadores de atividade como um termômetro preciso da saúde da economia.

Os gargalos da cadeia mundial de produção, provocando escassez de insumos, seguem contribuindo para prejudicar ainda mais o desempenho da indústria.

No caso do varejo, é preciso olhar com cuidado a forte queda de agosto. O ajuste sazonal do indicador está bem mais volátil por questões relacionadas à pandemia, uma vez que o cálculo econométrico não consegue entender totalmente o forte deslocamento do resultado do indicador observado no ano passado, no auge do impacto da covid, e tenta refletir isso na estrutura do padrão sazonal.

A consequência tem sido revisões drásticas nos resultados divulgados pelo IBGE das vendas do varejo, como observaram os economistas da MCM Consultores.

Para junho, foi divulgada queda de 1,7% em comparação ao mês anterior das vendas do varejo restrito. Em julho, o dado de junho foi revisado para alta de 0,9%. Em agosto, o dado foi novamente revisado, agora para queda de 1,1%.

É inegável que a alta mais acelerada da inflação e o número elevado de desempregados afetam negativamente a indústria e o comércio. Mas e se a inflação e o desemprego levarem também à perda de ímpeto na recuperação de serviços?

"Se o dado de agosto da PMS também surpreender para baixo, isso pode preocupar", diz Secemski, do Barclays.

Há quem espere aumento no volume de serviços em agosto, e há quem espere estabilidade.

Para o IBC-Br, o consenso das apostas prevê avanço de 0,1% em agosto. Um eventual número mais fraco para os dados de serviços poderá deflagrar uma rodada de revisão para baixo das projeções para o **PIB** do terceiro trimestre e para o de 2021 como um todo. E, se o resultado do IBC-Br também vier aquém do esperado, o pessimismo irá aumentar.

Por enquanto, a mediana das estimativas de analistas aponta para expansão de 0,5% do **PIB** no terceiro trimestre e de crescimento ao redor de 5,0% para 2021. Se a perda de renda da população frustrar uma recuperação mais forte dos serviços, poderemos ver uma sucessão de surpresas negativas para os resultados do **PIB**. Daí o humor azeda de vez.

Site: <https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo>

# Endividamento das famílias bate recorde e ameaça o crescimento

Veja a matéria no site de origem:

<https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>

**Site: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>**

# Endividamento recorde

**CAROLINA NALIN, JULIA NOIA E POLLYANNA BRÊTAS**

Veja a matéria no site de origem:

<https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>

**Site: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>**

# Fundo Monetário critica "divisão vacinal" global

Veja a matéria no site de origem:

<https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>

**Site:** <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>

# PIB não é problema, mas sim inflação, diz Guedes

***Estevão Taïar***

Veja a matéria no site de origem:

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)

***Site:***

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)

# Commodities aproveitam preço e são 70% da exportação

**Marta Watanabe**

Veja a matéria no site de origem:

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)

**Site:**

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)



# Brasil destoa do resto do mundo e perde fôlego

*Álvaro Fagundes e Anais Fernandes*

Veja a matéria no site de origem:

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)

**Site:**

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)

# Taxa de participação no emprego pode não voltar ao pré-pandemia

*Fabio Graner e Mariana Ribeiro*

Veja a matéria no site de origem:

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)

**Site:**

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)

# Coalizão cobra metas mais ambiciosas para CoP 26 e avanço de mercado de carbono

*Daniela Chiaretti*

Veja a matéria no site de origem:

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)

**Site:**

[https://www.valor.com.br/virador/?valor\\_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1](https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187033?page=1&section=1)